

EDITORIAL

Termina o ano e não terminam as preocupações no campo. As ofensivas do MST às propriedades rurais tomaram corpo após o segundo turno das eleições. Os proprietários rurais foram obrigados a paralisar as suas atividades no campo para engrossar mobilizações, monitorar a movimentação dos sem-terra e tentar impedir que os invasores atinjam seus objetivos.

O produtor rural está atento aos movimentos do MST e busca o cumprimento da lei para cada caso. O Judiciário tem tomado decisões em apoio à sociedade. Em caso recente, com o anúncio de uma invasão em Eldorado do Sul, concedeu interdito proibitório de uma rodovia, impedindo o trânsito dos sem-terra para outras propriedades.

Para amenizar o peso das agressões ao campo, a sociedade entende e apoia a postura de revolta dos proprietários rurais, que querem produzir e exigem das autoridades respeito ao seu trabalho.

Quando não são as decisões políticas equivocadas que dificultam a atividade no meio rural, há as permanentes ações do MST, realizadas à sombra de técnicos do Incra. Nesses últimos episódios, pudemos presenciar manifestações quase que agressivas de autoridades ligadas ao instituto. Repudiavam ações que impediram invasões do MST, alegando que as terras seriam desapropriadas, que o instituto queria aquelas áreas. Como se as tramitações legais não fossem válidas e que as áreas fossem mera disputa de propriedade. Não se pode aceitar que um representante de uma entidade governamental proteste contra o interesse de compra de uma empresa de reflorestamento, insistindo que a área seja usada para assentamento.

Até hoje não se fala de programas que viabilizem a produção, mesmo que de subsistência, para os assentamentos já implantados. O que os produtores rurais não entendem – e parece que a sociedade também não – é por que tirar as terras de quem produz para dá-las a quem não sabe produzir e terá que ser sustentado pela sociedade. Por que seguir plantando assentamentos baseados em programas assistencialistas, às custas de terras que antes produziam?

Enquanto não são adotadas políticas sérias para o setor, o produtor rural se mobiliza para evitar as injustiças que há anos aterrorizam os campos gaúchos.

Tempos de colégio e de Bagé

Blau Souza*

No Brasil agrário, das grandes distâncias e das viagens demoradas, os estancieiros e os colonos mandavam seus filhos para estudar nas cidades e prosseguiram sem interrupções suas atividades rurais. Por isso, os internatos tinham grande procura. Com o tempo, os colégios foram surgindo nas pequenas cidades e houve décadas em que as escolas rurais invadiram rincões esquecidos, com impacto até no êxodo das populações interioranas. Mas as escolinhas entraram em decadência e faltaram alunos no campo para justificar professores capazes de lecionar diferentes disciplinas a alunos de várias séries num espaço único e ao mesmo tempo. Passou a ser mais fácil buscar a gurizada no campo, em suas casas, e fazê-la participar do ensino regular nas cidades.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Bagé foi importante para meu pai há um século e para mim há cinquenta anos. Quando em 1955 se festejava o cinquentenário do colégio salesiano, eu era aluno e meu pai foi homenageado como um dos primeiros a lá estudarem em 1905, logo após a chegada dos padres vindos do Uruguai. Da primeira turma, eram vivos então, Crispim Raymundo de Souza e Paulino Giorgis. Contam que o menino Crispim teve de ser pego à força para embarcar na diligência rumo ao colégio. Mas logo sua mãe pensou mais alto e o enviou para o Rio de Janeiro aos cuidados do primo Licínio Cardoso. Saía da estância em Lavras a cavalo e tomava o trem no Ibaré, de onde ia até o Porto de Rio Grande. Lá, embarcava rumo à antiga

capital do país. Mas já ia sem protestos e sabendo que retornaria a cada dois anos e sempre gastando mais de semana na viagem.

Minha busca pelo saber foi menos espetacular. Fui aluno interno no Auxiliadora e meus irmãos mais novos nem necessitaram passar pelo internato, regime que agonizava no Colégio dos anos cinquenta. Não faltam recordações agradáveis do colégio e com a participação de pessoas bem conhecidas. No teatro do Auxiliadora, eu vi atuarem Paulo José, recém

O futebol não permitia o nascimento de grama no campinho acanhado e eram raras as derrotas do Colégio nos confrontos com adversários de fora. No dia-a-dia, os padres, mesmo, amarravam batinas na cintura e participavam de disputadas peladas durante os recreios. O grande jogador era Saul dos Santos Silva, Saulzinho, que chegou a craque no Vasco da Gama do Rio de Janeiro e na seleção brasileira.

saído da estância paterna em Lavras; Alceu Colares, que trabalhava nos Correios durante o dia e estudava à noite; Matias Nagelstein, já candidato ao Direito e Amadeu Weinmann, filho de médico da região serrana e que já andara por outros colégios como aluno interno. Todos eles atuavam no palco do colégio, em que se lia acima das cortinas: *Utile, Dulce*. Nos intervalos, se apresentavam o coro da *Schola Cantorum*, músicos ou cantores como o Sabino Loguércio. O futebol não permitia o nascimento de grama no campinho acanhado

e eram raras as derrotas do Colégio nos confrontos com adversários de fora. No dia-a-dia, os padres, mesmo, amarravam batinas na cintura e participavam de disputadas peladas durante os recreios. O grande jogador era Saul dos Santos Silva, Saulzinho, que chegou a craque no Vasco da Gama do Rio de Janeiro e na seleção brasileira. Defendendo o colégio, enfrentei nos juvenis do Grêmio Esportivo Bagé, um moleque franzino que fazia furor no Alto da Santa Casa. Seu nome? Tupãzinho.

Uma historinha para ilustrar a riqueza daqueles tempos. Luiz Coronel, meu colega de ginásio e científico, já era brilhante e contestador. O outro personagem, o padre Honorino Muro foi benemérito da cidade ao civilizar o Povo Novo e terminou seus dias em Guarapuava, onde também teve participação social intensa. Mas o padre não tinha muito jogo de cintura como professor de Instrução Religiosa e Luiz Coronel conseguia a proeza de ser expulso de quase todas as suas aulas. A turma fazia apostas em torno das expulsões, mas a aula do dia seria sobre o Batismo, tema pouco propício a atitudes violentas. A aula quase terminava quando Luiz solicitou a atenção e iniciou pergunta das bem compridas. Inventou um casal atravessando o deserto, a mulher no final de gravidez, no lombo de uma camela. Nasce a criança e não há água. Então a pergunta: será válido batizar a criança com o leite da camela? Mais uma aula terminava sem a presença do amigo e já poeta...

* Médico e escritor

EXPEDIENTE



FARSUL

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Chefe Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Chefe Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Luiz Ávila, Emerson
Foguinho e arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170